

Curso de Especialização em Psicopedagogia e Tecnologias da Informação e Comunicação na modalidade a distância



FELPO FILVA E AS TICS: oportunizando práticas contextualizadas de escrita e leitura no terceiro ano do ciclo de alfabetização

Lisandra Almeida da Silva

Silvana Corbellini

2014

Resumo

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido a partir da leitura do livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari, em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre. Os objetivos do trabalho foram investigar as escritas dos alunos descrevendo como realizaram suas produções e como se motivaram diante dos desafios e situações criadas pela professora a partir da leitura feita do livro *Felpe Filva* e das atividades vivenciadas com diversos portadores de texto¹ na sala de aula e no laboratório de informática. Participaram das atividades 26 crianças de ambos os sexos, com idades que variam de 8 a 11 anos, no período de agosto a outubro de 2014. As atividades oportunizadas permitiram descrever as escritas das crianças apontando suas evoluções no que se refere aos níveis de escrita e o desenvolvimento de sua leitura em muitas práticas de letramento.

Palavras-chaves:

Palavras-chaves: Alfabetização; Letramento; Produção Textual; Tecnologias.

¹ Adota-se o termo “portador de texto” um objeto que apresente algo que possa ser lido ou “qualquer objeto” que leve um texto impresso (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 156).

**FELPO FILVA E AS TICS:
oportunizando práticas contextualizadas de escrita e leitura
no terceiro ano do ciclo de alfabetização**

Lisandra Almeida da Silva
Professora da Rede Municipal de Porto Alegre
lisandra.almeida@hotmail.com
Porto Alegre
2014

Resumo

Este artigo trata-se de um relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido a partir da leitura do livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari, em uma turma de terceiro ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Porto Alegre. Os objetivos do trabalho foram investigar as escritas dos alunos descrevendo como realizaram suas produções e como se motivaram diante dos desafios e situações criadas pela professora a partir da leitura feita do livro *Felpe Filva* e das atividades vivenciadas com diversos portadores de texto² na sala de aula e no laboratório de informática. Participaram das atividades 26 crianças de ambos os sexos, com idades que variam de 8 a 11 anos, no período de agosto a outubro de 2014. As atividades oportunizadas permitiram descrever as escritas das crianças apontando suas evoluções no que se refere aos níveis de escrita e o desenvolvimento de sua leitura em muitas práticas de letramento.

Palavras-chave: Alfabetização; Letramento; Produção Textual; Tecnologias.

Introdução

Observou-se na nossa prática que as crianças do segundo ano vinham apresentando muitas dificuldades para escrever textos e histórias. Demonstravam-se apáticas e pareciam não ter ideias. Quando solicitadas para escrever sobre algum assunto verbalizavam que era chato e somente faziam com muita insistência da professora. Tornavam-se necessários outros recursos, tais como a exploração oral sobre o assunto ou imagens para que pudessem construir frases ou pequenos textos.

A escola então, diante deste problema, se mobilizou na busca de um livro que fosse referência de um trabalho mais pontual de leitura e produção de textos. Sendo assim iniciou-se o trabalho com o livro de Eva Furnari e hoje ele constitui-se em um dos pilares de trabalho do terceiro ano na escola municipal de ensino fundamental Deputado Marcílio Goulart Loureiro que surgiu para mobilizar as crianças, oportunizando-as experiências de práticas de escrita e leitura contextualizadas juntamente com práticas de letramento, que visam romper com uma produção textual mecânica onde as crianças não utilizam todo seu potencial criativo tampouco relacionam o ato de escrever a sua funcionalidade.

Tal necessidade pedagógica detectada nos terceiros anos entrou em consonância com o que a escola vinha organizando como linha de ação pontualmente frisada em seu Plano

² Adota-se o termo “portador de texto” um objeto que apresente algo que possa ser lido ou “qualquer objeto” que leve um texto impresso (FERREIRO E TEBEROSKY, 1999, p. 156).

Político Pedagógico (PPP) que define o conceito de letramento estabelecido pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), conforme o Programa Pró-Letramento:³

É na segunda metade dos anos 1980 que essa palavra surge no discurso de especialistas das Ciências Linguísticas e da Educação, como uma tradução da palavra da língua inglesa *literacy*. Sua tradução se faz na busca de ampliar o conceito de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio da tecnologia do ler e do escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em práticas sociais em que escrever e ler são necessários. Implícita nesse conceito está a ideia de que o domínio e o uso da língua escrita trazem consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (BRASIL, 2007, p. 11).

O Ministério da Educação (BRASIL, 2007, p. 11) define que letramento é:

O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita [...].

A Escola desafiou-se a buscar alternativas que mobilizassem os alunos propondo ações que mudassem significativamente o conteúdo linguístico do que escrevem motivando-os de uma forma que o ato de escrever se tornasse uma ação realmente prazerosa.

Durante as reuniões de planejamento com as professoras e com a coordenadora pedagógica surgiu a ideia de aliar as atividades na sala de aula com o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), pois elas propiciam espaços qualificados de leitura e escrita através dos seus hipertextos, blog e jogos que, por serem de natureza interativa, mobilizam as crianças possibilitando o desenvolvimento de competências em meio a práticas de letramento que a sociedade moderna exige.

As mais variadas propostas de leitura e escrita alternaram-se entre o espaço da sala de aula e o laboratório de informática como a escrita no blog, exploração dos recursos do Paint, pesquisas na internet e jogos, entre outros, e possibilitaram descrever como as crianças fizeram suas produções e como se motivaram a partir de desafios e situações criadas pelo professor, sendo possível investigar também quais aquelas realizadas na sala de aula e no laboratório de informática que despertaram maior interesse nas crianças.

A relevância do trabalho com o livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari, evidencia-se através da mudança no perfil do aluno demonstrado através da sua evolução nos níveis de escrita e no desenvolvimento da leitura e oralidade, e comprovam mudanças no que se refere a diversificação do trabalho e o rompimento de práticas mecanizadas e descontextualizadas na alfabetização, através das múltiplas atividades vivenciadas pelas crianças.

Sendo assim estabelece-se aqui a necessidade de relatar este trabalho que mobilizou a instituição e que trabalha para qualificar os processos de leitura e escrita dos seus alunos do terceiro ano do ciclo de alfabetização.

Caracterizando a Escola e o Laboratório de Informática

³ Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Alfabetização e Linguagem. Brasília: MEC, 2007.

A escola municipal de ensino fundamental encontra-se localizada no bairro Partenon, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, construída em 1986. É uma área onde se localizam famílias de baixa renda, entende-se aqui como aqueles que ganham até dois salários mínimos (IBGE, 2012). A maioria é de assentamento mais antigo, em loteamentos regulares. Uma parcela de ocupação mais recente configura uma população social e economicamente excluída, que ocupa irregularmente áreas de risco e de proteção ambiental. As comunidades vizinhas também apresentam populações de excluídos e classes populares, como o Morro da Cruz e o Campo da Tuca.

Entre 2004 e 2006 a escola foi renovada e contemplaram-se novos espaços, como a sala de multimeios e o laboratório de informática, instituídos pela mantenedora como espaços importantes para construção do conhecimento das crianças e onde os professores dispõem de recursos para diversificarem suas aulas. No ano de 2004 foi entregue o pavilhão onde se encontra o laboratório de informática, que foi inaugurada com computadores muito antigos. Em 2005 a escola recebeu do governo federal sete computadores, através do programa Pró-Jovem e, em 2007 a mantenedora equipou o laboratório de informática com 15 computadores novos. Atualmente a sala possui 14 computadores conectados a internet com leitor e gravador de CD/DVD.

Para auxílio do trabalho com os professores a Secretaria de Educação dispõe de estagiários que exercem suas funções em um prazo máximo de até dois anos. A este estagiário compete o agendamento dos professores, verificação do estado das máquinas, abertura e fechamento do laboratório, auxílio dos professores e suas turmas. Porém neste ano a escola recebeu uma professora formada em Pedagogia Multimeios e Informática Educativa, nomeada para exercer suas funções junto aos professores.

A função desta professora é auxiliar o professor na adaptação dos conteúdos a serem trabalhados com as tecnologias disponíveis, e também de qualificar os alunos no uso dessas tecnologias. A interação entre o profissional do laboratório deve ser estreita com o professor, pois é de suma importância o saber não só sobre os conteúdos, mas também o desenvolvimento da turma específica e como as tecnologias podem auxiliar nas defasagens. A professora responsável ressalta que a escola precisa se qualificar ainda muito com relação às TICs, pois a sua realidade hoje se restringe somente ao papel de um estagiário, ou seja, ligar e desligar máquinas, tutelar alunos quando não há professor, e auxiliar o professor somente no uso e não na elaboração da aula.

Início do trabalho com *Felpe Filva*: como tudo começou

O trabalho realizado com o livro *Felpe Filva* no terceiro ano do ensino fundamental (turmas de A30) na escola iniciou em 2011, quando o grupo de professores tinha sido constituído de novos professores, que estavam tentando trabalhar com os dados de diagnóstico das turmas, que evidenciavam necessidade de um trabalho mais consistente em relação à apropriação do sistema de escrita alfabética, compreensão de convenções ortográficas, leitura e interpretação. As professoras tinham o desafio de basear a proposta de trabalho na diversidade dos gêneros textuais e retomar direitos de aprendizagem que estavam ainda muito atrelados ao primeiro e segundo ano do ensino fundamental. O grupo desejava ativar boas ideias nas crianças, fazê-las escrever contextualizando esta prática, inserindo-as em ações que pudessem além de contexto ter começo, meio e fim, rompendo com a escrita de palavras isoladas ou propostas pouco atrativas e sem sentido. O uso do livro *Felpe Filva*

auxiliou muito nesse processo de planejamento de atividades diversificadas e que poderiam transitar nos poemas, receitas, guias de instrução, cartas.

As crianças demonstraram um significativo interesse pelo trabalho expressando muito suas percepções, através de relatos de sentimentos e de produções escritas. Nos anos de 2012 e 2013 o trabalho continuou presente no planejamento para as turmas de A30 (terceiro ano), ampliando-se as atividades a procura de novos contextos.

Nos diferentes anos-ciclos⁴ temos objetivos específicos, como por exemplo, estabelecer a aproximação da escrita alfabética com a ortográfica, e o trabalho com o livro *Felpe Filva* possibilita, além dos trabalhos com diferentes gêneros textuais, leitura, interpretação, projeção de inferências nos textos, transitarmos por uma rica variedade de sentimentos e conceitos como otimismo, pessimismo, respeito às diferenças, solidão. Os alunos podem relatar experiências, expressar suas emoções.

Em 2014 o setor pedagógico lançou o desafio do trabalho para as professoras de A30, sugerindo que fossem estruturados projetos de trabalho, unidades didáticas, atividades pedagógicas diversificadas a partir da leitura do livro. Este ano agregou-se o laboratório de informática como mais um espaço de realização de atividades engajadas com as da sala de aula.

Na primeira reunião pedagógica do ano de 2014, a equipe solicitou a presença da professora de informática da escola para compor ações do projeto. A ideia de ter a professora do laboratório é para que pudesse conhecer a proposta de trabalho do ano/ciclo e que auxiliasse a organizar materiais, planejar estratégias que viessem a enriquecer as abordagens de trabalho. Neste encontro surgiram ideias, tais como a digitação de receitas, criação de cartões postais, pesquisa biográfica de Eva Furnari, criação de acrósticos, organização de notícias sobre as aprendizagens a partir da leitura e das atividades realizadas através da elaboração de folders, almanaques e outros.

O trabalho no laboratório de informática permite aos alunos estarem em um espaço diferenciado da sala de aula e utilizarem recursos diversos que o computador oportuniza, tais como os jogos, as pesquisas na internet, a criação de história através de programas disponibilizados pela SMED. A ideia é estimular a pesquisa, a criatividade, a lógica e o lúdico.

O livro *Felpe Filva*: proposta de trabalho hoje

Este livro, de autoria de Eva Furnari, é direcionado ao público infantil. O livro conta a história de Felpe Filva, um coelho escritor que vive triste e isolado e que em um determinado momento começa a receber cartas da coelha Charlô. Uma coelha bastante crítica com relação às poesias e aos livros escritos por ele. Felpe Filva entra em crise e passa a se questionar e rever certas posturas. A história evolui de maneira divertida com trocas de correspondências entre Felpe e Charlô e, nestas trocas, a autora vai inserindo, ao longo do livro, vários tipos de texto, como poema, fábula, carta, manual, receita, lista, entre outros.

A proposta utilizada com as turmas neste ano é de contar-se o livro para as crianças como uma novela, em capítulos, com o objetivo de aguçar a curiosidade dos alunos, motivando-os a se inserirem neste movimento de trocas que é feito entre Felpe Filva e Charlô, criando expectativas e o desejo em querer saber como a história irá se desenvolver.

Entre os capítulos as crianças realizam as mais variadas atividades e desafios de escrita criados pela professora, tais como as oficinas práticas. Este ano estão previstas três

⁴ Escola municipal separa o ensino fundamental em três blocos, chamados de primeiro, segundo e terceiro ciclo, sendo cada ciclo composto por três anos.

oficinas: construção de jogos e brinquedos para confecção de manuais de uso, de docinhos da avó do Felpo Filva para trabalhar com o portador receita, e de ervas para construção de remédios caseiros para escrita de bulas. Várias outras atividades são propostas e se engajam, dialogando com o que é trazido do livro, como a construção de bilhetes, de cartões, cartas, de diálogos entre Felpo e Charlô. Desta forma, o trabalho vai se compondo e o objetivo é estar conectando as escritas das crianças com os textos que são evidenciados no livro, pontuando junto ao grupo as funções e usos da escrita.

Procura-se em cada ano estabelecer um foco para certos portadores de texto. Este ano o trabalho direciona-se para criação de poemas, escrita da autobiografia, pesquisa sobre a autora Eva Furnari, recontagem de contos de fadas preferidos do grupo, criação de manuais de uso de brinquedos e jogos, criação de diálogos entre Felpo e Charlô, composição de muitas listas e bilhetes e as oficinas de brinquedos, de doces e de ervas. As propostas dividem-se em dois espaços de trabalho: sala de aula e laboratório de informática. Propõe-se ainda neste ano a criação de um blog para as postagens das atividades e possibilitar que alunos acompanhem com a família o trabalho em casa, escrevendo comentários e oportunizando a troca e comunicação entre família-escola. A proposta do blog é para uso no espaço escolar, mas também possibilita que as interações ocorram em casa para aqueles que possuem acesso a internet, que são poucos na turma. No laboratório de informática objetiva-se ainda que os alunos aprendam a utilizar o Google, acessar sites, aprender a utilizar o Paint e seus recursos, digitar materiais no Word e jogar em sites que desenvolvam a leitura com temática de algum portador de texto trazido pelo livro e a elaboração de escrita para envio de cartões virtuais.

Este trabalho com o livro de Eva Furnari é uma proposta da instituição para todas as turmas do terceiro ano no ano de 2014, com objetivos definidos e que surgiu da necessidade de se oportunizar vivências contextualizadas de escrita. Aqui, relata-se e discute-se o trabalho que foi realizado com uma turma do terceiro ano da escola. Destaca-se, porém, que o planejamento é feito de uma forma coletiva e vai se compondo a partir das trocas entre as professoras nas reuniões pedagógicas semanais, que avaliam as propostas dos anos anteriores, revalidando-as ou não, e agregando novas ideias que surgem nas discussões.

Definições de letramento e a proposta de trabalho com os portadores de texto de *Felpo Filva*

O trabalho com o livro *Felpo Filva* e a dinâmica de atividades proposta oportuniza que o aluno acesse a determinados portadores de texto, tais como bilhetes, cartões, bulas de remédio, receitas, manuais de uso, listas, fábulas, contos de fada e poesias. Alguns destes até já fazem parte do seu cotidiano, porém é a sua inserção na prática escolar que leva a uma releitura e direciona a criança a se apropriar destes objetos escritos, de uma forma que pode conduzi-la ao desenvolvimento das suas concepções sobre as funções da escrita, remetendo-a também a pensar sobre o funcionamento da linguagem. Desenvolver um trabalho pedagógico com os mais variados tipos de textos é levar para a escola práticas de letramento presentes possivelmente também no contexto de sua família.

Para Soares (2002, p. 144), “letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as consequências delas sobre a sociedade”. Assim, é possível elencarmos práticas e contextos de letramento dentro e fora da escola atuando conforme necessidades e interesses das pessoas e constatar que para cada grupo há diferentes formas de significar e atribuir sentidos para certos eventos de letramento.

Para Kleiman (1995, p. 19), “letramento é um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para

objetivos específicos”. Desta maneira, parte-se do pressuposto, com os trabalhos sistemáticos na escola com determinados textos, que os sujeitos pensem antecipadamente sobre sua estrutura e organização e, segundo Moreira (2002), espera-se que o desenvolvimento das propostas facilite para o aluno a percepção de sua função; saber para que serve facilite a percepção de sua estrutura; pressupor a sua estrutura facilite a antecipação de seu conteúdo; antecipar o seu conteúdo facilite uma leitura mais compreensiva.

O aluno do terceiro ano está na fase final do chamado ciclo de alfabetização e acredita-se que nesta etapa, sem considerarmos dificuldades orgânicas e psicológicas, que este já esteja lendo e no nível alfabético da escrita. No grupo investigado há crianças que não se apresentam desta forma. Sendo assim não há como descolar as práticas de letramento com intervenções de alfabetização, pois o objetivo é também fazê-los avançar em seus níveis de escrita e oportunizar que se constituam leitores no espaço da sala de aula.

Segundo Ferreiro (2000), o desenvolvimento da escrita constitui-se em um processo que passa por níveis e nos quais o sujeito vai avançando em suas hipóteses, que vão desde os registros gráficos sem relação com os sons das letras, chamado de nível pré-silábico, passando pelo nível silábico, onde a letra representa o todo da sílaba, pelo nível silábico-alfabético, que alterna sílabas completas com sílabas, onde apenas uma letra representa o todo dela, e como penúltima etapa, pelo nível alfabético, onde a criança faz o registro da palavra e a relação letra-som, porém não necessariamente respeitando a ortografia convencional, pois este se constitui como o último nível, chamado de ortográfico. Para que as crianças avancem em suas hipóteses é preciso que se criem condições favoráveis e um planejamento que as façam refletir sobre as questões da sua língua materna de uma forma global e sem fragmentações.

Projetos de Aprendizagem e o uso das TICs

O uso das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs), pensando em termos sociais, constitui-se em algo imprescindível e necessário nos dias de hoje. Contudo para se usar os recursos das TICs nas escolas de maneira eficiente, rompendo com um ensino baseado em repetições, é necessário fundamentar o trabalho em propostas que os alunos sintam-se desafiados, trabalhando em uma perspectiva epistemológica que compreende os sujeitos em atividade cognitiva, rompendo com uma prática pedagógica mecânica e passiva.

Muitos são os recursos que as TICs têm propiciado: os jogos presentes nos sites educacionais que trabalham com as mais diversas áreas do conhecimento; os objetos de aprendizagem produzidos pelas universidades para desenvolver competências e trabalhando com conteúdos específicos do conhecimento; e o uso dos blogs para o compartilhamento de ideias, conhecimentos e posicionamentos, feitos por instituições ou usuários individuais. Agregando-se a todas essas possibilidades os professores dispõem ainda dos aplicativos e programas pensados para determinados fins e atividades específicas como, por exemplo, editores de textos, de imagens e sons, entre outros recursos.

Diante dos mais diversos recursos e experiências pedagógicas com as TICs, o professor oferta ao aluno a possibilidade de desenvolver as potencialidades dentro do processo evolutivo de cada um e do grupo como um todo através de uma outra linguagem, instituindo no educando uma nova forma de se relacionar com o conhecimento.

A internet e as possibilidades de leitura e escrita

Muitas são as possibilidades do uso do blog assim como dos jogos disponíveis na internet. Segundo Santarosa (2010), a palavra *blog* é resultante da contração entre as palavras *web* e *log* (registro) na *web* (em texto na internet). É um sistema de publicação na *web* destinado a divulgar informação semelhante a um diário, sendo o seu diferencial a interação entre os internautas e o editor (aquele que cria o blog).

O uso do blog potencializa o compartilhamento de ideias, que ultrapassa os muros da escola contextualizando o ato de escrever em forma de hipertexto apresentado pela *web*, possibilitando o deslocamento e a possível interatividade do leitor com o texto, tornando o ato de ler mais dinâmico. O hipertexto, segundo Marcuschi (2001), evidencia não um deslocamento do texto impresso, mas sim uma revisão de novas formas de pensar o letramento e as condições de produção social do conhecimento. Costa e Madalena (2003) explicitam o caráter colaborativo das escritas como uma prática social no ciberespaço.

É preciso permitir qualificadamente o acesso dos meios tecnológicos aos alunos pois segundo Ferreiro (2006) estar alfabetizado hoje indica alguém que transita com eficiência e sem temor numa intrincada trama de práticas sociais ligadas à escrita, produzindo textos nos suportes que a cultura define como adequados para as diferentes práticas. Interpretar textos de variados graus de dificuldade em virtude de propósitos igualmente variados, buscar e obter diversos tipos de dados em papel ou tela.

Se, por um lado, a escola (e, como parte dela, os professores) frequentemente propõe um modelo de leitura e de escrita linear, por outro, cada vez mais as novas tecnologias apresentam suportes de leitura e de produção coletiva de texto em forma de hipertexto que transformam quem lê e quem escreve em condutor de seus caminhos de leitura/escrita, em capitão de sua própria viagem, em guia também nas navegações dos outros (Souza, 2005, p. 4).

Sendo assim, em termos de alfabetização e letramento, nos dias de hoje é preciso o investimento e esforço da escola buscando a qualificação necessária em termos humanos (oportunizando formações aos professores) e tecnológicos (investindo em máquinas e *softwares*) propiciando condições ao aluno de atender as demandas sociais no que se refere ao uso de sua língua materna.

Ações e Construções

Expõem-se a seguir algumas das ações que foram desenvolvidas a partir do livro *Felpe Filva*.

	Atividades	Objetivos
1	Vamos fazer listas?	Incentivar a pensar elencando assuntos, objetos, ações ou prioridades que não podemos esquecer ou que devemos seguir.
2	Construção de acrósticos	Fomentar a associação de ideias, oportunizar o desenvolvimento do vocabulário e da criatividade.
3	Blog e pesquisa na internet	Inseri-los no espaço da internet oportunizando vivenciar conteúdos em hipertexto com suas possibilidades de coleta e seleção de informações tornando-os ativos frente aos estímulos dados pelos dos recursos da internet.

4	Construção de novos Felpos e acrósticos no Paint	Oportunizar a vivência dos recursos do Paint utilizando-se dos vários tipos de linhas, formas, aprendendo a selecionar e editar objetos usando as cores, assim como aprendendo a fazer a escrita na caixa de texto.
5	Troca de recados em sala de aula e no blog	Torná-los leitores e escritores ativos buscando desenvolver estas duas competências de maneira igual em uma perspectiva colaborativa.
6	Envio de cartões presenciais e virtuais para os professores	Fortalecer o vínculo entre os professores e os alunos estimulando-os a personalizarem a escrita.
7	Jogando com os portadores	Estimular os alunos a lerem a fim de alcançarem os objetivos do jogo através do seu conteúdo lúdico e essencialmente interativo.

Tempos e espaços das escritas: refletindo sobre as atividades

As crianças mostraram-se muito disponíveis para execução de todas as tarefas que objetivavam produzir um tipo de portador de texto. Para tanto, cada atividade tinha sua sequência didática previamente organizada com previsão de tempo, divisão de tarefas e objetivos claramente definidos.

Possibilitar as mais diversas situações de aprendizagem engajadas no livro *Felpe Filva* oportunizou às crianças o acesso a certos portadores de texto através de sua leitura e escrita/reescrita e observar seus esquemas interpretativos no que se refere a construção da linguagem.

Sendo assim, o que se objetiva no conjunto de ações é favorecer às crianças condições de desenvolvimento da sua comunicação escrita, problematizando-a.

Segundo Ferreiro (2000), a escola deve permitir um acesso inteligente às condições de enunciação próprias da escrita: é preciso aprender a solicitar, argumentar, contar, dar instruções, perguntar, responder, informar, comentar e dialogar por escrito.

Para tanto foram realizadas atividades na sala de aula e no laboratório de informática como a construção de acrósticos, de listas e bilhetes, pesquisa na internet, visitas ao blog e produção de recados e cartões virtuais, que nos permitem inferir sobre os avanços das crianças no que se refere ao seu nível de escrita e leitura assim como sua motivação/envolvimento com o trabalho.

Há um caminho que começou a ser traçado desde a leitura do livro e que foi se construindo e avançando a cada atividade, a cada oportunidade de debate, a cada interação com as TICs. Todas as ações demandaram o envolvimento e participação dos educandos para que pudéssemos dar continuidade ao caminho instituído. Os alunos avançam na trilha dos conhecimentos da linguagem, pois houve uma gama de possibilidades de interação com os objetos e entre os sujeitos que concedeu a turma oportunidade de indagar, inferir e buscar significação para aquilo que estava sendo registrado.

Todas as atividades descritas dentro de uma visão global propiciaram trabalhar com certos portadores sob o contexto do letramento, sendo possível observar o desenvolvimento da aprendizagem das crianças sob dois aspectos, no que se refere a linguagem: o avanço no nível de escrita de algumas crianças, assim como coloca Seber: “Com referência a escrita, o

resultado de todo esforço de entendimento resulta na progressão de ideias sobre como expressá-las, e assim elas se tornam verdadeiras usuárias da língua” (SEBER, 1997, p. 237).

No que se refere ao avanço nos níveis de escrita, observa-se que desde o início do trabalho até o momento três crianças evidenciaram avanço do nível silábico para o silábico-alfabético e iniciam processo de leitura, e três alunos avançaram do nível pré-silábico para o silábico. Temos no grupo quatro crianças em nível silábico-alfabético, sendo que uma já registrava este nível antes do trabalho iniciar e observou-se neste aluno um avanço na leitura que antes parecia bloqueada, mas agora em vias de efetivamente acontecer, pois demonstra-se mais seguro, e mais autônomo no reconhecimento das unidades sonoras.

Na turma com um total de 26 crianças, 17 encontram-se no nível alfabético e duas com necessidades educacionais especiais, que possuem objetivos escolares direcionados à socialização e convivência com os pares, não sendo o foco deste ano a alfabetização.

O avanço nos níveis de escrita de seis crianças indica-nos que o trabalho com o livro de Eva Furnari traz em seu conteúdo o apelo do letramento que as fizeram avançar em seus processos de alfabetização porque foram favorecidos pela interação e vivências que lhes foram propiciadas na sala de aula e seus recursos visuais. Através das oficinas e no uso das TICs no laboratório de informática, através da pesquisa na internet, o uso frequente do blog na interação com os professores e entre os alunos, através da escrita dos comentários e o acesso aos recursos do próprio computador como Paint, assim como dos jogos educacionais.

Para Piaget e Inhelder (1986) o desenvolvimento mental infantil se dá por meio de três fatores: a maturação do sistema nervoso central que indica possibilidades de desenvolvimento, o ambiente físico rico em materiais concretos e manipuláveis e um ambiente onde os sujeitos possam estar em interação e assim cooperando e colaborando uns com os outros e com os adultos. Para cada atividade com determinado portador, além da proposta de leitura e escrita, houve mobilização para outros aspectos no que se refere ao desenvolvimento da linguagem como um todo, pois as crianças oralizam, houve muitos debates e trocas de ideias que mobilizava cada um a ter o seu posicionamento. Com a proposta de construção de acrósticos o grupo foi desafiado a pensar em um movimento contínuo de associação de ideias dentro de cada universo sugerido.

O uso do blog oportunizou ao grupo uma troca nunca antes vivenciada por nenhum aluno da turma. A exposição dos trabalhos da turma na rede mundial de computadores e a comunicação neste espaço motivou e mobilizou o grupo a querer mostrar-se e a escrever até mesmo da sua casa. O blog, como ferramenta pedagógica, constituiu-se para este trabalho, como um portfólio virtual de atividades, evidenciando a produção dos alunos em todas as ações desenvolvidas no projeto.

Certas perguntas como: “Vamos escrever manuais de uso”? “Vamos escrever listas”? “Vamos trocar recados”? constituíram-se comandos que o grupo acolheu e executou sem questionar. Realizar listas de coisas malucas e trocar bilhetes foram propostas acolhidas por todos e realizadas com entusiasmado envolvimento e participação. Mesmo por aqueles que ainda não escrevem alfabeticamente, mas com ajuda dos colegas também colocaram suas ideias no papel e, avançaram em seus processos de alfabetização, visto que agora há seis crianças que escrevem mais próximo do registro alfabético.

No que se refere aos 17 alunos alfabéticos houve um avanço na construção de suas frases, bem como na qualidade destas no que se refere ao próprio desenvolvimento das ideias. A escrita atualmente aproxima-se da ortográfica verificada através de testagens e ditados, que são feitos desde o início do ano com palavras de sílabas simples e complexas (usando as dificuldades ortográficas), e o chamado autoditado, que se constitui em escrever palavras a partir de imagens visualizadas. O avanço é observado também nas mais variadas propostas de produção textual. A leitura saiu de um estágio mais silabado e hoje observa-se mais fluência e

ritmo. Estas mudanças certamente atrelam-se ao acesso aos diversos gêneros vivenciados e tempo para leitura destes que lhes é oportunizado. A turma realiza semanalmente a “roda de leituras”, onde cada criança escolhe algo para ler ao grupo.

O livro *Felpe Filva* remete às situações de letramento através dos portadores de texto e dos gêneros textuais. Marcuschi (2002, p. 22-23) define gênero textual como uma expressão utilizada para “[...] referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”.

Sob a ótica das atividades trabalhadas descritas neste artigo podemos inferir que tais situações de letramento que foram vivenciadas constituem-se em práticas de leitura, escrita e oralidade, sendo estas indissociáveis e que evidenciam um conteúdo textual significativo para os alunos, pois certos portadores fazem parte do contexto familiar de muitos deles, como os manuais de uso, as listas, as bulas de remédio, os bilhetes, os cartões e outros. A escola oportuniza o conhecimento através dos vários momentos ao longo do primeiro ciclo de alfabetização, como por exemplo, a leitura dos contos de fadas e poemas pela bibliotecária e professoras, utilizando variadas técnicas de contação de histórias, como reescrita de alguns deles com certas mudanças feitas pelas crianças, dramatizações teatrais, atividades criadas pelas professoras como organização temporal de partes das histórias e criação de cartazes, entre outras.

O que um grupo de professores novos na escola queria desde o princípio, como foi descrito anteriormente, era dar um contexto de escrita aos alunos, pois identifica-se, segundo a coordenadora pedagógica, a necessidade de um trabalho mais consistente em relação à apropriação do sistema de escrita alfabética, compreensão de convenções ortográficas, leitura e interpretação.

Hoje este trabalho é uma realidade que tem resultados concretos, no que se refere a apropriação e desenvolvimento do sistema de escrita alfabética por parte dos alunos do terceiro ano. Cabe ressaltar que o uso das TICs, neste ano, tornaram o projeto ainda mais desafiador, oportunizaram o desenvolvimento de habilidades em um trabalho viso-motor e através do apelo lúdico das propostas engajadas no livro há uma provocação que aguçou o desejo de aprender dos alunos e se envolver coletivamente no trabalho. As tecnologias possuem uma gama de recursos que potencializaram a aprendizagem e contemplaram a diversidade de conhecimentos e saberes em turma tão heterogênea como a descrita neste relato

Podemos assim inferir que as TICs contribuíram para que se alcançasse os resultados obtidos no que se refere a participação e envolvimento dos alunos, e os avanços nos níveis de escrita e fluência na leitura.

Estes resultados concretos evidenciam-se no cotidiano da sala de aula, nas mudanças do perfil do aluno verificado, não somente através dos números citados anteriormente no que se refere aos avanços nos níveis de escrita e no desenvolvimento da leitura e oralidade, mas também pela mudança de postura da escola, equipe pedagógica e corpo docente, com relação a uma proposta de diversificação do trabalho e o rompimento de práticas mecanizadas e descontextualizadas na alfabetização.

Verifica-se um investimento da escola, pois atualmente há mais horas para planejamento e discussões do trabalho, que asseguram a continuidade e a qualidade pois há dedicação e foco no estudo dos níveis de alfabetização, assim como nas possibilidades de intervenções. Tal espaço é garantido semanalmente pelo grupo de professores, que se organiza, por meio de uma pauta de itens, para analisar as escritas das crianças, e que contam com a presença da coordenadora pedagógica em muitos momentos.

O grupo de professores hoje se fundamenta em estudos de Piaget, no que se refere ao desenvolvimento infantil e baseia-se nas pesquisas de Emilia Ferreiro, que estabelece que a alfabetização é um processo e necessita de intervenção e muitas interações das crianças com o objeto do conhecimento, no caso a linguagem. E assim compreende que a alfabetização “é um produto de uma construção mental da humanidade, a partir de uma tomada de consciência das propriedades da linguagem” (Ferreiro, 2000, p. 62).

A importância do trabalho com o livro *Felpe Filva*, de Eva Furnari, e seus portadores de texto se reflete através do conjunto das ações que oportunizaram o interagir das crianças com uma variedade de portadores de texto em múltiplas atividades, a fim de que compreendessem a natureza fonética da língua materna ao mesmo tempo em que puderam significar os eventos de escrita e leitura como uma prática social.

Referências

- BRASIL. MEC. *Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Alfabetização e Linguagem*. Brasília: MEC, 2007.
- COSTA, I.; MADALENA, B. *Internet na sala de aula*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- FERREIRO, E. *Alfabetização em processo*. São Paulo: Cortez, 1986.
- FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. Trad. Horácio Gonzales. 25.ed.atual. São Paulo: Cortez, 2000. (Coleções Questões da Nossa Época, v. 14).
- FERREIRO, E. *O momento atual é interessante porque põe a escola em crise*. Entrevista concedida pela psicolinguísta argentina Emilia Ferreiro a revista Nova Escola. Out. 2006. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/alfabetizacao-inicial/momento-atual-423395.shtml>>. Acesso em: 27 out. 2014.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Trad. D. M. Lichtenstein, L. Di Marco e M. Corso. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- IBGE. *Censo Demográfico*. 2012. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 6 out. 2014.
- KLEIMAN, A. B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem e Ensino*, v. 4, n. 1, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Â. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MOREIRA, N. da C. R. Portadores de texto: concepções da criança quanto a atributos, funções e conteúdos. In: KATO, M. A. (Org.). *A concepção da escrita pela criança*. São Paulo: Pontes, 2002.
- PIAGET, J.; INHELDER, B. *A psicologia da criança*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1986.

PICCOLI, L. *Prática pedagógica nos processos de alfabetização e de letramento: análises a partir dos campos da sociologia da linguagem*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SANTAROSA, L. M. C. (Org.). *Tecnologias digitais acessíveis*. Porto Alegre: JSM Comunicação Ltda., 2010.

SEBER, M. da G. *A escrita infantil: o caminho da construção*. São Paulo: Scipione, 1997. (Coleção Pensamento e Ação no Magistério).

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935>>. Acesso em: 5 set. 2014.

SOUZA, G. de. Ferramentas disponíveis na web que desafiam o desenvolvimento da comunicação. Do mar das ideias ao mar das letras: algumas navegações sobre a leitura e a escrita. In: BRASIL. MEC/TV ESCOLA. *Novas formas de aprender: comunidades de aprendizagem*. Boletim 15. Ago. 2005.